



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

O DESENHO E A SUBJETIVAÇÃO DE CRIANÇAS IMPLICADOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

DRAWING AND THE SUBJECTIVATION OF CHILDREN INVOLVED IN THE LITERACY PROCESS

Vanessa Maria Araújo de Oliveira¹

Luci Carlos de Andrade²

RESUMO

O ato de escrever, em comparação ao ato de desenhar, é frequentemente considerado mais relevante para a criança no contexto da leitura e da escrita. Por efeito, as práticas pedagógicas, em algumas situações, são direcionadas exclusivamente ao aprimoramento da alfabetização, desvalorizando outras formas de aprendizagem, como o desenho. Este artigo tem como objetivo principal analisar a contribuição do desenho como uma ferramenta significativa para a construção do processo de alfabetização. Os objetivos específicos incluem: observar o uso do desenho como um recurso influente na preparação para a alfabetização; explorar como as crianças se expressam durante as fases de transformação do grafismo infantil; analisar o processo de mediação entre professor e aluno ao longo das produções; e investigar o envolvimento dos professores em relação ao desenho infantil. A pesquisa baseia-se em uma revisão de literatura de autores como Piaget (1948), Vygotsky (1988, 1989), Mattos Da Silva (2010), Gobbi (2010), Derdyk (1989), Lowenfeld (1947, 1977), e Luquet (1969). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, combinando análise teórica com observações simples realizadas em um CEI (Centro de Educação Infantil) em Fortaleza/CE. Foram observadas duas turmas: Infantil 1, no estágio das garatujas, e Infantil 5-A, no período pré-esquemático. Os resultados mostram que o desenho infantil, dentro do contexto da Educação Infantil, contribui de forma significativa para o desenvolvimento das crianças, oferecendo oportunidades para a evolução gráfica em consonância com os desenhos. Além disso, o desenho auxilia na construção da linguagem e da escrita, acompanhando o desenvolvimento da criança nas suas diferentes etapas do grafismo infantil.

Palavras-chave: Desenho. Crianças. Alfabetização.

ABSTRACT

The act of writing, compared to the act of drawing, is often considered more relevant to the child

¹Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), vanessaaraj@gmail.com

² Doutorado UFMS, luci.carlos@ufms.br



in the context of reading and writing. In effect, pedagogical practices, in some situations, are directed exclusively to the improvement of literacy, devaluing other forms of learning, such as drawing. The main objective of this article is to analyze the contribution of drawing as a significant tool for the construction of the literacy process. The specific objectives include: observing the use of drawing as an influential resource in the preparation for literacy; exploring how children express themselves during the stages of transformation of children's graphism; analyzing the process of mediation between teacher and student throughout the productions; and investigating the involvement of teachers in relation to children's drawing. The research is based on a literature review by authors such as Piaget (1948), Vygotsky (1988, 1989), Mattos Da Silva (2010), Gobbi (2010), Derdyk (1989), Lowenfeld (1947, 1977), and Luquet (1969). This is a bibliographic research with a qualitative approach, combining theoretical analysis with simple observations carried out in a CEI (Childhood Education Center) in Fortaleza/CE. Two classes were observed: Kindergarten 1, in the scribbles stage, and Kindergarten 5-A, in the pre-schematic period. The results show that children's drawing, within the context of Early Childhood Education, contributes significantly to the development of children, offering opportunities for graphic evolution in line with the drawings. In addition, drawing helps in the construction of language and writing, following the development of the child in its different stages of child graphics.

Keywords: Drawing. Children. Literacy.

1. INTRODUÇÃO

A escolha por este tema, envolve de maneira pessoal, a paixão que a autora possui pelas Artes e suas nuances na Educação Infantil. Este artigo faz referência ao desenho, que vem como meio primário de comunicação utilizado pelas crianças durante todo o processo pedagógico. Assim, durante a escrita do artigo, veremos que as apropriações não se restringem aos métodos tradicionais do conhecimento para as crianças dominarem as palavras, mas traz um destaque quanto a importância da Arte em seu modo mais específico, como a exemplo do desenho, para compor as primeiras palavras.

O artigo traz a contribuição a respeito das capacidades de expressão e construção de saberes, já que a criança é inserida na linguagem desde a sua gestação. Podemos dizer que, o processo de alfabetização começa a partir deste período, através de experiências em que a criança é exposta após o seu nascimento. Portanto, a revisão de literatura deste artigo, está baseada nas concepções teóricas dos seguintes autores: Piaget (1948), Vygotsky (1988, 1989), Mattos Da Silva (2010), Gobbi (2010), Derdyk (1989), Lowenfeld (1947, 1977), Luquet (1969).

Na construção de conhecimento, com o intuito de observar a inserção e o incentivo da arte no cotidiano das crianças no processo de alfabetização, por meio do desenho infantil, a metodologia deste artigo será elaborada com base na abordagem qualitativa, de natureza básica. Logo, buscará compreender o comportamento dos sujeitos da pesquisa, suas particularidades e experiências individuais. Também será feita uma pesquisa bibliográfica, por meio de análises e



observações simples, sem interferências na realidade dos fatos, em um CEI (Centro de Educação Infantil), localizado na cidade de Fortaleza, no bairro do Conjunto Ceará.

O objetivo geral caminha para analisar a contribuição do desenho, como ferramenta significativa para a construção do processo de alfabetização. Para além disso, os objetivos específicos se relacionam desta forma: observar o uso do desenho como recurso influente na preparação para a alfabetização; explicar o modo como as crianças se expressam durante as fases de transformação do grafismo infantil; analisar o processo de mediação entre professor e aluno no decorrer das produções; constatar o envolvimento dos professores e educadores em referência ao desenho infantil.

No decorrer do artigo, os capítulos estarão alinhados desta maneira: a importância do desenho na Educação Infantil e a alfabetização da criança no contexto da linguagem gráfica. O primeiro capítulo, explora a evolução do ato de desenhar, desde os primórdios da humanidade até a sua incorporação na Educação Infantil por meio da Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Em seguida, o segundo capítulo, conduz o desenvolvimento da linguagem escrita infantil, ou seja, a alfabetização, e a sua indissociabilidade entre o processo de amadurecimento motor e cognitivo com a linguagem gráfica, já que, o desenho surge com a finalidade pedagógica de observar os níveis das crianças, e a sua relação com o seu progresso.

Desse modo, a pesquisa será dedicada à reflexão a respeito do desenho, levando em consideração um tema tão pouco elaborado e aproveitado durante as fases do desenvolvimento infantil, reiterando a justificativa deste estudo para trabalhar com outras medidas de aprendizagem.

2. A EVOLUÇÃO DA ARTE E DO DESENHO INFANTIL

O ato de desenhar está presente na humanidade desde os tempos primórdios. Nos séculos passados, os desenhos foram utilizados para representar sentimentos e pensamentos a respeito de constatações feitas por uma determinada população, como os povos primitivos. O homem pré-histórico, não mantinha diálogo falado e comunicava-se por meio de simbologias rabiscadas, o que tornaram a materialização das suas expressões e o modo como se comunicavam entre eles naquela época.

As criações, eram feitas por meio de uma diversidade de materiais, como por exemplo, carvão, argila de várias cores, minerais triturados, dedos e pinceis rudimentares. Esses materiais, os permitiam afirmar suas histórias, seus rituais e simbologias, assim como, manter um meio para



interagir com a natureza e os outros.³ Desde a arte pré-histórica, até os dias atuais, o desenho percorreu um longo caminho. Passou a ser exibido por meio de materiais, como: blocos de argila, couro, tecidos, folhas, pedras, ossos, até a descoberta do papel, feita pelo chinês T'sai Lun, por volta de 105 d.C (depois de Cristo).⁴

No final do século XIX e início do século XX, disciplinas como pedagogia, psicologia, sociologia e estética, estudaram o desenho para entender seu impacto no desenvolvimento humano e sua representação social e cultural. Em pouco tempo, os desenhos e os materiais também evoluíram em conformidade com o progresso humano, o que despertou o interesse de alguns pesquisadores da época. De acordo com Mèredieu (2017, p. 15-16), ocorreu “uma mudança progressiva na concepção de criança e infância, depois da influência das ideias de Rousseau em pedagogia que levou a distinguir diferentes etapas no desenvolvimento gráfico da criança”. Logo, algumas transições aconteceram, inclusive na legislação e a criança passou a ser vista como um sujeito de direitos, e a escola, um local de transformações a respeito do ensino da Arte e conseqüentemente do desenho infantil.

A importância do ensino da Arte, inserindo o desenho, se deu por meio da Lei 13.278/2016 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de nº 9.394/1996, adicionando o ensino da Arte como componente curricular obrigatório para a educação básica. Como a LDB nos diz em seu artigo 26:

Os currículos da Educação Infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

O seu reconhecimento e obrigatoriedade, trazem a prerrogativa sobre os aspectos do desenvolvimento cultural e a formação do indivíduo na sua totalidade. Sendo assim, conforme disposto no parágrafo 2º do artigo 26: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica”. Assim, o desenho é uma ferramenta de desenvolvimento intelectual e emocional, que precisa ser acrescentado nas atividades corriqueiras do sistema de ensino, desde o primeiro nível da educação básica, falando da Educação Infantil.

Portanto, a definição das representações gráficas vai tomando forma ao longo do tempo, de

³ AIDAR, Laura. A Arte no Período Paleolítico. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/a-arte-no-periodo-paleolitico/>. Acesso em: 09 jul. 2024

⁴ Texto de autoria de Júlia Lobato Maciel, mediadora do Núcleo de Ações Educativas, “**História sobre papel**”, do blog Espaço do conhecimento UFMG, publicado em 01 de setembro de 2020.



acordo com o envolvimento e as pesquisas de grandes teóricos para cada período da história da educação brasileira, como o movimento da Escola Nova, que se baseava na aprendizagem experiencial, sendo o desenho visto como uma expressão livre. Na sequência os estudos analisam a importância do desenho na Educação Infantil e como é construída essa relação do indivíduo com as formas de desenhar, e o seu envolvimento na contribuição da expressão das crianças.

2.1 A importância do desenho na Educação Infantil

O desenho é uma das atividades que permite à criança expressar e valorizar sua criatividade e imaginação. Dentro da Educação Infantil, o desenho surge de forma espontânea e indefinida, evoluindo para formas mais completas e organizadas, sendo um precursor importante da escrita. Através dos traços, ainda que rudimentares, o desenho estimula o desenvolvimento da criança, à medida que ela explora as possibilidades apresentadas. Por essa razão, Andrade (2005, p. 48) afirma que:

O grafismo começa pelo rabisco, gesto essencialmente motor. São exercícios involuntários, em que a criança faz movimentos desordenados, pelo prazer de rabiscar. É uma atividade meramente motora, que caracteriza as primeiras marcas no papel; é também, um momento bastante significativo do processo gráfico infantil. É importante deixar a criança treinar e realizar tentativas que a levarão ao domínio dos traços. Este é o período das garatujas em que a criança obedece às necessidades biológicas e às afetivas, somadas a um desejo de significação e afirmação de seu ser no mundo.

Ao desenhar, a criança nos traz seu ponto de vista e sua representação mental sobre determinado assunto ou objeto. Quando interpretados pelos educadores, de acordo com as etapas do desenho infantil, esses desenhos podem auxiliar no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, desde que os profissionais estejam adequadamente formados. Nas salas de referência, os desenhos não devem ser tratados como simples atividades de distração, pois carregam um significado imenso relacionado ao imaginário infantil e ao pensamento da criança.

Derdyky (1994, p. 51) complementa: “o desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar. A criança projeta no seu desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel.” A criança, enquanto protagonista de suas criações, experimenta diversas sensações, estimulando também seus cinco sentidos através das produções artísticas.

Os materiais empregados nas atividades pedagógicas podem contribuir para o desenvolvimento da percepção infantil, funcionando como um recurso incentivador, no qual a criança produzirá a seu modo com os materiais apresentados. Assim, o esboço ou o próprio



desenho permitem identificar os estágios do desenvolvimento da criança – sejam eles emocionais, cognitivos, psicomotores ou sociais. Hanauer (2013, p. 80) ressalta que:

[...] observa-se que a produção artística da criança concebe elementos indicativos de seu desenvolvimento emocional, intelectual, físico e social. No aspecto emocional há o retrato dos sentimentos de alegria, tristeza, raiva, segurança. No desenvolvimento intelectual o aprendizado ocorre pela ação de desenhar e desperta a criatividade. No que se refere ao desenvolvimento físico, pode-se afirmar que a imagem que a criança tem do seu corpo é refletida em seus desenhos; as habilidades nos traços demonstram coordenação motora e visual. Da mesma forma, no desenvolvimento social, os desenhos refletem as relações da criança com o meio onde representa situações vividas.

Para qualquer criança, o desenho é um elemento fundamental em sua vida, pois é a maneira de apresentar sua imaginação e consolidar seu conhecimento sobre as normas e práticas da sociedade em que vive. Desde muito cedo, a criança manipula lápis, papel ou qualquer outro meio para registrar seus traços e marcas, o que a leva a imitar o delineado da escrita. Essa imitação, no entanto, não se refere a uma cópia, mas ao desejo de elaborar sua própria escrita.

Derdyky (1994, p. 24), argumenta: “desenhar não é copiar formas, figuras, não é simplesmente proporção, escala. A visão parcial de um objeto nos revelará um conhecimento parcial desse mesmo objeto. Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se.” A escola tem o papel de sustentar esse processo, contribuindo para que o lúdico faça parte da Educação Infantil e integre as atividades artísticas das crianças. Uma escola que não reconhece o valor do desenho como ferramenta pedagógica limita o senso criativo das crianças e transmite a ideia de que o desenho não possui uma função mediadora na ação pedagógica. Andrade (2005, p. 54) *apud* Moreira (1984, p. 67) destaca:

A própria escola, cuja estratégia educacional visa apenas ao adestramento motor, exclui e ignora a capacidade criadora do ser humano. As proibições permanentes paralisam e comprometem os impulsos espontâneos da criança, opõem-se às suas iniciativas e relegam-na para o fracasso. Precisamente no caso do desenho, que não é valorizado tanto quanto deveria, ou por desconhecimento da importância dessa rica linguagem ou por priorizar outras questões consideradas fundamentais na formação do homem.

De igual modo, Santos, Radvanskei e Bachmann (2016) afirmam que a escola deve ser pensada como um espaço significativo que favoreça o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. Além disso, um ambiente preocupado em garantir os direitos da criança deve proporcionar uma exploração diversificada, oferecendo oportunidades para que ela adquira sua independência.

Para que isso ocorra, é necessário pensar a Educação Infantil como um espaço de



exploração da criatividade, que valorize as múltiplas linguagens e promova o desenvolvimento das habilidades próprias da infância. Sobre o desenho, Santos, Radvanskei e Bachmann (2016, p. 154-155) dizem que: “o desenho como uma das ferramentas mais utilizadas por educadores, do mesmo modo que foi um dos primeiros meios de comunicação na pré-história, continua sendo o primeiro traço da criança, nesse sentido, conhecer o desenho infantil e permitir que a criança seja protagonista de seu trabalho, é um ato de respeito”.

Podemos deduzir que a prática do desenho expressa uma ampla gama de sentimentos, como medo, euforia, alegria, tristeza, raiva, compreensão e dúvida. Diante disso, entendemos a importância do vínculo entre a criança, seus desenhos e o ambiente em que está inserida, ilustrados no papel. Essa manifestação diária da criança nos permite acessar suas vivências, aprendizagens e reafirmar, para todos os envolvidos em seu crescimento, que ela sabe se comunicar.

2.2 O desenho como expressão na Educação Infantil

Desenhar não está ligado apenas a ações mecanizadas e sem significado. Ao contrário, ele envolve um cenário gráfico carregado de valores, que representa nossas próprias interpretações dos ambientes em que estamos inseridos. Como afirma Hanauer (2013, p. 79), “as crianças evoluem, e com elas, ao mesmo tempo, seus desenhos. Por isso, o desenho não pode ser compreendido como um simples ato mecânico; cada gesto e movimento têm funções simbólicas capazes de contribuir para o desenvolvimento humano.”

Por esse motivo, os estágios dos desenhos estão associados a diversos estudos vinculados a áreas específicas do conhecimento. Diante dessa percepção, entendemos como o desenho promove oportunidades de aprendizagem, sendo uma técnica que traduz o que a criança vê em imagem, caracterizada da seguinte forma:

A percepção do objeto, no desenho, corresponde à atribuição de sentido dado pela criança, constituindo-se em realidade conceituada, e não material. Inicialmente o objeto representado é reconhecido após a realização do desenho, quando a criança expressa verbalmente o resultado da ação gráfica, identificada ao objeto pela sua similaridade. Momento fundamental de sua evolução se constitui na antecipação do ato gráfico, manifestada pela verbalização, indicando a intenção prévia e o planejamento da ação. (Vygotsky, 1988, p. 127)

Para reforçar essas constatações, é relevante destacar o que diz Hanauer (2013, p. 80): “É através da representação gráfica que a criança registra seu mundo, tanto o que é real quanto seu universo simbólico vivido diariamente. Acredita-se, inclusive, que é por meio do desenho que ela organiza informações, processando-as em conhecimentos a partir do que é sentido e pensado.” Assim, a linguagem do desenho facilita sua comunicação com o mundo externo, no qual cada



criança está inserida de maneira única, utilizando seus rabiscos para se aproximar cada vez mais de seu meio, enquanto ser social, sujeito histórico e de direitos.

Entre um traço e outro, alguns detalhes são marcados com mais firmeza ou suavidade, com cores vibrantes ou neutras, dependendo do estado emocional e humor da criança. Durante esses esboços, é possível observar como a criança se comporta enquanto delimita o desenho. Nesse sentido, Mattos (2010, p. 451) afirma:

[...] interpretar o desenho de uma criança é explicar o que está obscuro, traduzindo-o numa linguagem compreensível, extraindo do desenho um sentido oculto tanto ao entendimento da criança quanto dos adultos que a cercam, transcrevendo este sentido latente para uma linguagem verbal. O desenho é o método de mais simples execução para se investigar traços de humor, de comportamento e de caráter de uma criança, assim como seus conflitos intrapsíquicos, suprindo, dessa maneira, sua dificuldade em falar de si mesma e expor os seus problemas.

É possível reconhecer, através das produções, o que é fundamental para a criança ou o que a impede de avançar em determinadas condições. É desempenhando atitudes espontâneas que podemos ajudá-la a superar situações desconfortáveis que ela pode estar vivenciando. Desse modo, as análises atentas facilitam a narração da própria imaginação das crianças envolvidas nos seus desenhos.

Gobbi (2010) ressalta que o desenho deve ocorrer espontaneamente, sem imposições, para que a criança possa manifestar seus sentimentos, compreensões e emoções, criando seu próprio cenário e se divertindo ao longo de suas linhas. Derdyk (1989, p. 19) complementa: “[...] enquanto desenha, a criança canta, conta histórias, teatraliza, imagina, ou até silencia... O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal imaginário.” Ao adentrar essa liberdade criativa da criança, encontramos oportunidades para estimulá-la.

Essa mesma liberdade, que contorna o que a criança deseja, a transforma em um ser pensante e criativo, que expõe suas próprias histórias sem medo de representar o que vê ou acredita. Derdyk (1989, p. 50) afirma: “[...] a criança desenha, entre outras tantas coisas, para se divertir. Um jogo que não exige companheiros, no qual ela é dona de suas próprias regras. Nesse jogo solitário, ela aprende a estar só, ‘a ser só’. O desenho é o palco de suas encenações, a construção de seu universo particular.” Por isso, podemos concluir que, constantemente, as crianças se expressam através do desenho, revelando quem são, como se sentem e o que desejam transformar em seu espaço.

3. A ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA NO CONTEXTO DA LINGUAGEM GRÁFICA



Durante o período de alfabetização, as crianças têm suas primeiras experiências gráficas através do desenho, o que lhes permite expressar ideias, desejos e emoções. Por isso, o desenho pode ser visto como uma linguagem profunda, que possibilita às crianças expressarem sua visão de mundo. Socialmente, a aprendizagem e a compreensão da linguagem escrita conduzem as crianças ao universo da leitura. Assim, ao se depararem com o sistema de escrita em diferentes contextos, as crianças formulam hipóteses sobre o que foi escrito ou desenhado.

Segundo Soares (2004), o termo "letramento" surgiu com "a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas do que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita" (Soares, 2004, p. 6). Em conformidade com essas reflexões, percebemos o quanto é importante que as escolas incentivem ações que permitam às crianças se conectarem com seus próprios desenhos. Por isso, o papel do educador é proporcionar uma perspectiva pedagógica que permita à criança a livre expressão. Se houver dificuldades nessas intervenções, a criança perde a leveza necessária. Como diz Iavelberg (2013, p. 30):

Observam-se equívocos didáticos nas situações em que se pede às crianças para agir fora do universo infantil e dos artistas, pois separa-se o desenho da criança da sua autoria e do seu potencial criativo. São exemplos dessas demandas os desenhos para colorir feitos a partir de formas estereotipadas sem qualidade. Por exemplo: uma festa junina pode ser mote para propostas de desenho autoral; mas pedir às crianças para preencherem com cor desenhos de bandeirinhas e fogueiras sem qualidade artística não corresponde à natureza criativa do desenho infantil.

Os aspectos do desenvolvimento de uma criança devem começar por meio das brincadeiras e interações, o que leva à sensibilidade durante as atividades promovidas. A educação artística tem grande potencial para desenvolver a percepção natural das crianças ao longo de seu crescimento. Ela fornecerá a estimulação a longo prazo. Assim, essas atividades precisam ser direcionadas corretamente, e não atribuídas de qualquer forma, como no caso das atividades de colorir, pintar, colar, usar lápis, pincéis, giz de cera, entre outras.

A introdução das Artes na Educação Infantil exige cuidado em relação às características singulares e aos estágios de desenvolvimento de cada faixa etária. Essa progressão, em conformidade com as fases do desenho infantil e os estágios de desenvolvimento, leva a mudanças significativas na integralidade da criança. Sendo assim, este capítulo tem como objetivo dar visibilidade ao desenho como metodologia no processo de alfabetização, deixando clara sua relação com a escrita e como estão intimamente ligados na fase inicial da alfabetização. Finalizaremos com as fases do desenho segundo a visão dos teóricos Lowenfeld (1977) e Luquet



(1969).

3.1 O desenho como metodologia no processo de alfabetização

Alinhando o desenho e a escrita, o desenho é considerado uma das formas de expressão da criança que contribui significativamente para o processo de alfabetização. É possível que algumas dessas crianças não tenham tido muitas oportunidades de interações significativas durante sua educação inicial, fase em que ocorre o desenvolvimento da função simbólica e, posteriormente, dos sistemas representacionais. Nessas circunstâncias, fica evidente a importância de um trabalho na Educação Infantil que priorize e preserve a ludicidade e a arte, pois, sem dúvida, isso contribuirá para o desenvolvimento da criança.

Os estudos de Piaget (1948) compreendem o estágio sensório-motor como o momento em que a criança começa a manter ritmos constantes e a produzir seus primeiros desenhos gráficos. O desenvolvimento progressivo do desenho provoca mudanças significativas, que, em primeiro lugar, remetem ao afastamento dos desenhos iniciais de garatujas para construções cada vez mais ordenadas, dando origem aos primeiros símbolos. O autor também explica que a função semiótica gera na criança a habilidade de representar objetos ou situações que estão fora de seu campo visual, por meio de imagens mentais, desenhos e da linguagem. Essa função é desenvolvida durante a fase pré-operacional, que abrange o período de dois a sete anos.

Conforme explicam as autoras Soares, Rezende e Silvério (2021), a cada nova ideia produzida pela criança, o simbolismo e o desenho tornam-se essenciais. Durante essas representações, a escrita se integra ao processo de alfabetização desde o estágio pré-operatório, funcionando como um jogo de regras e imaginação. Assim, a escrita transita de uma representação mental para uma representação gráfica, cheia de emoções e sentidos, semelhante ao desenho, que também começa com uma representação mental e progride para uma representação visual. Por isso, o desenho é considerado o antecessor da escrita e está diretamente relacionado ao processo de alfabetização.

Soares, Rezende e Silvério (2021, p. 1538), citando Pillar (1996, p. 32), destacam que “[...] para que a criança se aproprie do sistema de escrita, ela terá que reconstruí-lo, diferenciando os elementos e as relações próprias ao sistema, bem como a natureza do vínculo entre o objeto de conhecimento e a sua representação”. Nesse contexto, aprender envolve adquirir um novo objeto de conhecimento ou aprendizagem conceitual. Portanto, “[...] para conhecer os objetos, é preciso agir sobre eles de maneira a decompô-los e a recompô-los” (Piaget, 1948, p.8). A cada fase do desenvolvimento infantil, as habilidades da criança em relação ao desenho melhoram, e ela adquire



a capacidade de representar figuras com maior precisão.

À medida que a criança cria, observamos um momento em que as letras começam a se misturar com os desenhos, o que eventualmente leva à escrita alfabética. Por meio do desenho, a criança tem acesso a outras formas de linguagem expressiva que fazem parte de seu cotidiano. Como destaca Fassina (2008, p.3), “o desenho antecede, organiza e estrutura o pensamento narrativo. Serve como ponte (zona proximal) entre o desenvolvimento real e o potencial, ou seja, serve como o auxiliar de significação do texto verbal e escrito num primeiro momento de aprendizagem da língua escrita”.

Como vimos no primeiro capítulo, as primeiras civilizações gravavam suas falas em pedras, e a "escrita" representava o próprio objeto. Da mesma forma, as crianças associam o significante ao significado. Ao enxergar a escrita como um sistema de representação, Ferreiro e Teberosky (1985, p. 40) observam que “[...] quando uma criança começa a escrever, produz traços visíveis sobre o papel e, além disso, e fundamentalmente, põe em jogo suas hipóteses acerca do significado mesmo da representação gráfica”⁵.

Portanto, a arte é importante não apenas para a construção do conhecimento, mas também para influenciar esse processo, especialmente na alfabetização, pois envolve inteligência, pensamento e cognição. O desenho, assim, está diretamente ligado ao desenvolvimento da escrita. A escrita, por fazer parte do mundo adulto, exerce um fascínio especial nas crianças, que, mesmo antes de terem total compreensão dos signos, já tentam imitar a escrita adulta.

3.2 O desenho na aprendizagem das crianças

Durante as atividades pedagógicas, os esboços das crianças transformam-se em uma combinação entre o mundo real e o imaginado. Assim, suas criações passam a refletir sua percepção do mundo. Essa intencionalidade nas produções gráficas das crianças não está necessariamente ligada à transmissão de uma mensagem aos educadores ou aos pais, mas retrata as habilidades motoras e sensoriais individuais de cada uma delas. Por isso, utilizam-se de materiais como lápis, canetinhas, tintas, giz de cera e o que mais estiver à sua disposição.

É importante ser capaz de usar as emoções de forma livre e criativa, assim como desenvolver atitudes positivas em relação a si mesmo e aos outros. As crianças raramente têm a oportunidade de compartilhar ideias e desenvolver atitudes sobre si mesmas e os outros. Por isso,

⁵"A Importância do Desenho Infantil no Processo de Alfabetização" em *Só Pedagogia*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2024. Consultado em 23/10/2024 às 12:26. Disponível na Internet em <http://www.pedagogia.com.br/artigos/desenhonaalfabetizacao/?pagina=2>



em nossa sociedade, o desenho é extremamente importante para elas. O desenho está presente em todos os campos do conhecimento e pode ser conceituado de diversas maneiras para as crianças.

Sob outra perspectiva, Iavelberg (2013) define que "o conceito de desenho está diretamente relacionado com aquilo que é socialmente transmitido através do horizonte de experiência do meio em que a criança vive" (p. 24). A autora ainda enfatiza que as ideias de Vygotsky (1988) contribuem para a compreensão das relações entre desenvolvimento e aprendizagem em interações com os pares em diferentes níveis e contextos socioculturais. Nesse sentido, quando uma criança se revela de acordo com seu nível de desenvolvimento, ela é encorajada a pensar de forma independente e a transmitir suas ideias utilizando seus próprios meios.

Ao tratar do desenvolvimento infantil, o desenho pode desempenhar um papel significativo, especialmente quando centrado na criança. O foco da educação é a criança dinâmica, em constante transformação, que se torna cada vez mais consciente de si mesma e do seu ambiente. A educação artística oferece ações que promovem estabilidade emocional e desenvolvimento de habilidades motoras, aspectos importantes em uma sociedade em constante mudança. Como afirma Hanauer (2013, p. 79): "De um rabisco sem objetivo, com movimentos puramente musculares, ao alcance de um desenho estruturado, acompanham-se mudanças significativas no desenvolvimento da criança, que envolvem mecanismos biológicos, sensoriais, cerebrais e motores".

Há pontos que devem ser abordados no processo de aprendizagem da criança, como o papel do educador e a relevância dada a esse elemento crucial. Permitir que as individualidades das crianças se revelem em suas criações gráficas é essencial, pois é por meio delas que elas encontram formas de exteriorizar o que sentem. A Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (Ministério da Educação, 1997), nos orienta sobre o papel do educador nesse processo: "[...] conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem" (Brasil, 1997, p. 25). Nessa perspectiva, o professor pode atender às necessidades dos alunos e é um dos principais responsáveis por seu desenvolvimento, oferecendo novas oportunidades de suporte.

Quando os desenhos são promovidos sem qualquer intencionalidade, as crianças não se engajam de maneira participativa. Para elas, fazer de qualquer maneira parece mais eficiente, já que seus traços não são valorizados nem possuem significado, o que torna indiferente desenhar ou não. Por isso, Iavelberg (2013, p. 32) destaca a importância da compreensão do educador em relação aos desenhos criados pelas crianças, que, enquanto alunos, se divertem na companhia de seus personagens e contornos no papel. Como diz a autora: "O conhecimento que o professor tem sobre o desenho infantil permite que veja o processo da criança".

Gobbi (2010, p. 6) afirma que "[...] é imprescindível que tenhamos diversos suportes para o



desenho à disposição das crianças, com cores, texturas, formas de tamanhos diversos [...]". Esses materiais não devem ser usados apenas para beneficiar as crianças em seus projetos manuais, mas para promover seu desenvolvimento artístico. O autor também ressalta a importância de o professor possuir uma formação sólida sobre o desenho e seu impacto nas salas de aula, permitindo ressignificar as atividades gráficas promovidas para as crianças.

Infelizmente, o desenho muitas vezes não é visto como precursor da escrita. Segundo Edith Derdyk (1994, p. 97), o início da aprendizagem do alfabeto pelas crianças está diretamente relacionado ao desenvolvimento gráfico:

[...] os sistemas educacionais, por força das circunstâncias estão mais voltados para a educação técnica e profissionalizante. Essa postura inibe o ato perceptivo, condicionando-o a uma visão temporal e histórica, não percebem que a criança enquanto desenha, canta, dança, conta histórias, teatraliza, imagina, ou até silencia [...] O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada no quintal do imaginário.

À vista disso, os educadores têm a responsabilidade de garantir que as habilidades autênticas das crianças não desapareçam com o tempo, compreendendo as etapas do desenho infantil e sua relação com os níveis de escrita. Só assim será possível proporcionar às crianças oportunidades de desenvolvimento artístico junto à aquisição da escrita.

3.3 As fases do desenho infantil sob a visão de Lowenfeld e Luquet

Quando tratamos da educação na pré-escola, focamos, de forma significativa, nas faixas etárias dos três aos cinco anos, período em que as crianças vivenciam emoções e descobertas que nem sempre são de fácil compreensão para elas. Por isso, “[...] não se pretende que a educação pré-escolar se organize em função de uma preparação para a escolaridade obrigatória, mas que se conceitue no sentido da educação ao longo da vida, devendo, contudo, a criança ter condições para abordar com sucesso a etapa seguinte” (Brasil, 1997, p. 17).

É importante salientar que o processo de alfabetização na educação pré-escolar não pode ser reduzido apenas ao conceito de leitura e escrita, mas deve englobar diversas formas de comunicação, incluindo o desenho, conforme explorado em diversas pesquisas. O desenho infantil traça esse caminho inicial ao interligar a linguagem gráfica ao processo de alfabetização.

Vygotsky (1989, p. 131) afirma que “[...] o ato de desenhar, escrever e desenhar devem ser vistos como fases distintas de um processo fundamentalmente unido”. Essas fases orientam a criança no desenvolvimento das funções psicológicas fundamentais, complementando-se



mutuamente. O autor conclui que “[...] brincar e desenhar devem ser etapas que conduzem ao desenvolvimento da linguagem escrita” (idem, p. 134). Sob essa perspectiva, o desenho é uma peça fundamental no processo de alfabetização, sendo considerado um meio de comunicação e expressão de ideias.

Os estudos de Lowenfeld (1977) e Luquet (1969) ajudam a observar as diferentes etapas do desenvolvimento infantil nas concepções presentes nos desenhos. Esses estágios, que vão da fase das Garatujas até a etapa do Realismo, evidenciam como o desenho é parte fundamental no processo de alfabetização, com traçados que se tornam mais firmes e detalhados. Segundo Lowenfeld (1977), o estágio das Garatujas começa por volta dos dois anos, quando as crianças rabiscam de maneira desordenada, sem qualquer finalidade. É nesse estágio que desenvolvem habilidades fundamentais para o controle do traço e para a coordenação motora fina, contribuindo para a escrita futura.

No estágio Pré-Esquemático, que ocorre dos quatro aos sete anos, a criança começa a perceber os formatos ao seu redor e tenta configurá-los no papel, mesmo que de maneira desordenada ou desproporcional. Esse estágio se assemelha à fase da alfabetização, em que as crianças começam a associar letras a sons e a explorar a percepção da realidade.

O estágio Esquemático, que vai dos sete aos nove anos, e o Realismo, que abrange dos nove aos doze anos, marcam o desenvolvimento da criticidade em relação aos desenhos e às formas gráficas. Durante esses estágios, as crianças aprimoram suas produções de acordo com o meio em que estão inseridas, o que se reflete também na estruturação textual, na coesão e na ortografia.

A abordagem de Luquet (1969), considera o desenho como a representação do que a criança vê, seja o conteúdo fiel ou não à realidade. Ele divide o desenvolvimento do desenho em quatro etapas, sendo a primeira conhecida como “Realismo Fortuito”, que começa aos dois anos de idade. Nessa fase, o desenho pode ser voluntário ou involuntário, e a criança começa a se familiarizar com símbolos visuais, o que pode ser visto como um método inicial de alfabetização.

O desenho voluntário indica que a criança desenha com intenção, associando seus traços a objetos conhecidos, enquanto o desenho involuntário é composto por linhas feitas sem essa intenção. Hanauer (2013, p. 78) *apud* Luquet (1969, p. 145) afirma que, inicialmente, “para a criança, o desenho não é um traçado executado para fazer uma imagem, mas um traçado executado simplesmente para fazer linhas”.

A segunda fase, o “Realismo Falhado”, que ocorre entre os três e quatro anos, mas pode durar até os doze, é marcada pelo exagero ou omissão de elementos nos desenhos, conforme a percepção da criança. Esse estágio reflete o momento em que as crianças começam a associar



palavras a objetos e utilizam letras para representar sons, mas ainda ajustam sua compreensão à coerência textual e gramatical.

Na terceira fase, o “Realismo Intelectual”, que vai dos quatro aos doze anos, a criança desenha com base no que sabe, e não apenas no que vê. Nessa fase, as figuras aparecem “soltas no ar”, sem a presença de linhas que representem o chão, por exemplo. Essa etapa corresponde à alfabetização, em que as crianças usam a escrita para comunicar ideias mais complexas.

Na quarta e última fase, o “Realismo Visual”, que ocorre por volta dos doze anos, os desenhos tornam-se mais realistas, refletindo as relações da criança com o meio em que vive. Os elementos e conceitos nos desenhos correspondem de forma mais fidedigna ao que é visível. Hanauer (2013, p. 79) observa que, nesse estágio, “aparecem claramente as influências sociais, históricas e culturais, bem como elementos do cotidiano”. Esta etapa corresponde ao momento em que a criança desenvolve plenamente sua capacidade de leitura e escrita, demonstrando autonomia e domínio da linguagem escrita.

Diversos autores estudaram os desenhos infantis, e esses percursos fundamentais na infância não devem ser vistos com rigor excessivo. É essencial considerar as diferentes experiências e especificidades de cada criança, já que o desenho revela como cada uma expressa suas experiências, pensamentos e emoções, sendo uma ferramenta rica de significado para elas.

Assim, o desenho infantil funciona como um meio para a expressão interna, permitindo que a criança externalize seus conflitos e emoções a partir do que vive em seu cotidiano. A introdução de métodos que favoreçam essa externalização possibilita uma compreensão mais profunda da vida da criança e uma melhor avaliação de seu progresso escolar por meio do grafismo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta os resultados e as discussões obtidos por meio de uma análise e observações simples realizadas em um Centro de Educação Infantil (CEI) localizado em Fortaleza/CE. Trata-se de uma creche pública com capacidade para 320 crianças, oferecendo período integral para as turmas de Infantil 1 e 2, e meio período a partir do Infantil 3, 4 e 5. A instituição dispõe de um espaço amplo e diversificado, adequado para as atividades diárias, e ao observarmos o ambiente, fica claro que ele é estruturado de forma a proporcionar múltiplas oportunidades de aprendizado.

As interações e brincadeiras são a base de toda a movimentação no espaço, sem excluir a prática do desenho infantil. Ao observarmos as produções das crianças, especialmente por meio de seus desenhos, é possível perceber uma infância conectada com a atualidade, onde elas expressam



sua autenticidade em ambientes pensados para esse fim. No exemplo a seguir, crianças do Infantil 5-A foram convidadas a representar, por meio de seus desenhos, o que entendem por "Amizade e brincadeira", tema central da atividade proposta. Nessa atividade, foram utilizados materiais recicláveis, como papelão para as telas de pintura, e pincéis para a criação de traços, formas e linhas.

Foto 1 - Entrada do CEI (Centro de Educação Infantil) e a explanação de arte do Infantil 5 - A, para apreciação de toda a comunidade escolar. Fonte: Oliveira, (2023)



Fonte: acervo dos autores

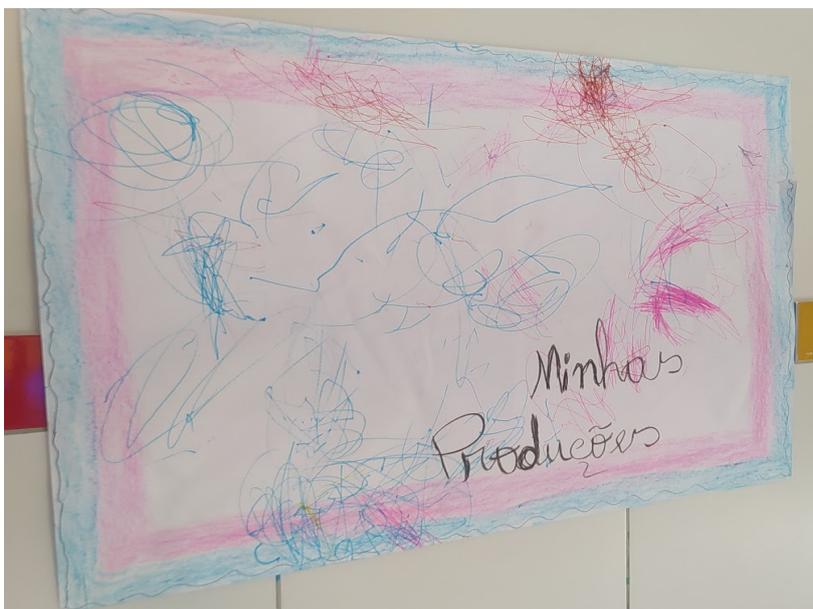
Entende-se que a capacidade criativa da criança é desenvolvida por meio das experiências que ela vivencia, tanto dentro quanto fora do ambiente educacional. No Centro de Educação Infantil (CEI), observa-se que, ao ser inserida em situações em que possa se expressar de forma participativa, a criança se desenvolve de maneira integral, revelando suas emoções sem interferências ou julgamentos externos. Nesses momentos, ela conecta suas habilidades motoras à atividade proposta e utiliza sua consciência para atribuir ao desenho sua própria noção de convívio social. Assim, a criança adquire conhecimento e demonstra sua percepção de forma ativa, incentivada pela criatividade que os educadores da creche promovem. Como afirmam Miguel e Oliveira (2018, p. 110):

O desenho da criança é, também, um enfoque da compreensão que ela faz ou tem do mundo ao seu redor. Dessa perspectiva, o desenho é um recurso para o educador, pois facilita e dimensiona o fazer e/ou a participação nas atividades que são realizadas como processo de aquisição do conhecimento, além de iluminar as particularidades do que é vivenciado por cada criança na ação, no desenvolvimento e no pensamento.



O envolvimento participativo entre as crianças da creche e os professores, ou seu ambiente alfabetizador, consolida suas experiências, permitindo que vivenciem a livre expressão. As crianças do CEI são inseridas em contextos pedagógicos mediados pelos educadores, onde são estimuladas a utilizar sua capacidade criativa nas atividades. Dessa forma, a criação de um espaço que respeita as necessidades individuais de cada criança vai na contramão dos métodos pedagógicos tradicionais. A imagem abaixo ilustra uma etapa importante no desenvolvimento da escrita do Infantil 1, com ênfase no desenho como abordagem pedagógica.

Foto 2 - Sala de referência - Infantil 1, com um dos projetos sendo utilizados para a decoração da sala. Título da obra: “Minhas Produções”, feito pelas crianças entre riscos e rabiscos. Fonte: Oliveira, (2023)



Fonte: acervo dos autores

A exposição indicada destaca a importância da fase inicial, conhecida como “garatujas”, em que as crianças começam a se familiarizar com a ideia de representar seus pensamentos, vontades e falas por meio de símbolos gráficos ainda desordenados. Essa etapa é crucial, pois marca o início de formas mais estruturadas de expressão, além de ser um indicativo da compreensão da escrita e uma forma de comunicação futura das crianças. Como afirma Hanauer (2013, p. 80):

Os primeiros desenhos parecem surgir de forma espontânea e evoluem junto ao processo de desenvolvimento da criança. Os rabiscos iniciais apontam para a extensão do gesto que deixa marcas, mas nem sempre possuem a intenção de transmitir alguma mensagem. Ocorre, então, o aprimoramento das capacidades sensoriais e motoras e o prazer de registrar. Com o tempo essas marcas passam a ter uma intenção e a criança comunica-se por meio delas.

A valorização dos desenhos é algo que permeia o interior do CEI, perpetuando o ritmo



inicial e as fases mais avançadas de cada criança. Reconhecer esse método de aprendizagem vai além de uma mera atividade artística. O desenho infantil, na creche mencionada, revela as habilidades de pensamento, comunicação e criticidade da criança, além de como ela entende diferentes situações. Observar esse processo colaborativo, que reconhece a criança como um sujeito de direitos e protagonista de seu próprio aprendizado, valoriza a pesquisa e traz novos conceitos para a formação continuada.

É fundamental que a comunidade pedagógica dialogue sobre o enriquecimento das práticas de ensino, incorporando o desenho na Educação Infantil como um meio de desenvolvimento cognitivo e motor. Como nos lembra Andrade (2005, p. 47) *apud* Montessori (1965, p. 268):

Montessori, por exemplo, tem nas suas obras, um destaque ao desenho, orientando para a educação sensorial, a preparação da mão, período em que a criança realiza exercícios com materiais no sentido de desenvolver a parte motora a favor do êxito nas experiências com o desenho. Para Montessori “o desenho trata-se, antes, de uma espécie de “escrita feita de imagens”, enquanto a criança não pode ainda exprimir as ideias e os sentimentos que se formam nela sobre o meio e sobre as coisas que as impressionam.

O desenho infantil envolve as crianças em uma tomada de decisão mais livre e espontânea, permitindo que expressem suas ideias nas atividades. O método montessoriano considera essa filosofia, promovendo o desenvolvimento da autonomia infantil. Com base nas observações, a instituição escolar demonstra compreender o papel do desenho no desenvolvimento infantil e promove o crescimento cognitivo, motor e emocional, ao respeitar a liberdade das crianças dentro de limites, possibilitando que aprendam ativamente sobre o mundo ao seu redor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as pesquisas realizadas, o desenho está intimamente ligado a todas as discussões abordadas no presente artigo. Este trabalho científico teve como objetivo analisar a função do desenho e seus aspectos no campo da Educação Infantil, em uma creche e pré-escola pública, em Fortaleza-CE, sendo fundamentada por autores que estudam o desenho infantil e sua interação com essa fase inicial.

Após a pesquisa bibliográfica e as observações simples no campo estudado, foi possível compreender a importância do desenho infantil para os sujeitos da pesquisa, especialmente no que se refere a anteceder a escrita. Dessa forma, fica claro o papel do desenho desde os tempos antigos até os dias atuais, especialmente ao adentrarmos o universo da Educação Infantil e discutirmos temas como comunicação e linguagem, autoestima e confiança, formas de expressão e socialização na sociedade, além do desenvolvimento da habilidade motora, como pontos significativos.



Além disso, o artigo mostrou como o trabalho do professor é indispensável para tornar o ambiente adequado e pensado para as crianças. É por meio da formação continuada e do olhar sensível às linguagens pedagógicas que se oferece um ambiente que respeita a diversidade multissensorial. Nesse contexto, que acompanha toda a trajetória do(a) educador(a), seus conhecimentos podem contribuir para o protagonismo da criança, permitindo-lhe experimentar práticas mais acolhedoras.

É evidente que estamos aprendendo a enxergar a criança em sua integralidade, e observá-la no cotidiano do CEI (Centro de Educação Infantil) trouxe a satisfação de estarmos no caminho certo. Assim, de acordo com os resultados encontrados durante a pesquisa, o local sustenta a ideia de que o desenho se relaciona diretamente com o universo da linguagem escrita, sendo o precursor e a porta de entrada para o processo de aquisição da escrita. Pode-se dizer que o desenho, por meio das atividades lúdicas, promove a expressão livre, o que é sinônimo de autonomia para que as crianças desenvolvam suas habilidades motoras e de comunicação.

Por fim, é importante reconhecer as limitações da pesquisa, pois seria impossível abordar todos os aspectos do desenho infantil e as práticas utilizadas no cenário específico do CEI. Por outro lado, espera-se que a contribuição sobre o tema seja de grande valor, ao reconhecer a dimensão do desenho no processo de aprendizagem e integrar a criança como produtora de conhecimento.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luci Carlos de. O desenho como expressão no aprendizado infantil: caminhos e possibilidades. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/761>. Acesso em: [10/07/2024].

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.** 5. ed. São Paulo: PERSPECTIVA, 2004

BRASIL. Ministério da Educação. Direção-Geral da Educação. Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, Lisboa, Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica, 1997. https://dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/orientacoes_curriculares_pre_escolar.pdf.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho. Desenvolvimento do grafismo infantil.** – São Paulo: Scipione, 1994.

FASSINA, Marice Kincheski. **Desenhção: um estudo sobre desenho na infância como fonte de múltiplas possibilidades no ensino fundamental.** 2008. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) -



Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.tede.udesc.br/bitstream/tede/852/1/marice.pdf>

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

Hanauer, F. Riscos e rabiscos – O desenho na Educação Infantil. *Perspectiva, Erechim*, v. 37, n. 140, p. 73-82, dezembro/2013.

IAVELBERG, Rosa. **Desenho na Educação Infantil**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou. 1977.

LUQUET, G. H. **O Desenho Infantil**. Porto: Editora do Minho, 1969.

MATTOS, d S; J. M. **O desenho na expressão de sentimentos em crianças hospitalizadas**. *Fractal, Rev. Psicol.* vol.22 no.2 Rio de Janeiro May/Aug 2010

MÈREDIEU, Florence. **O desenho infantil**. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.

MIGUEL, Gilvone Furtado; OLIVEIRA, Nilda Jaqueline Rodrigues de. O uso do desenho para a aprendizagem na Educação Infantil. *Revista Avanços & Olhares*, v. 2, n. 2, p. 1-10, 2018.

PIAGET, J. **A formação dos símbolos na criança**. PUF, 1948

Santos, R. O., Radvanskei, S. de F., & Bachmann, V. da S. (2016). DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: a importância e sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo e para a alfabetização. *Cadernos Cajuína*, V. 3, N. 3, 2016, p.147 - 161. ISSN: 2448-0916

Soares, A. C. D., Rezende, E. de S. B., & Silvério, J. dos S. (2021). **O DESENHO INFANTIL E A ALFABETIZAÇÃO**. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 7(11), 1532–1545. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i11.3216>

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. 2a edição. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VYGOTSKY, L.S.. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.